



# **AÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DOS PERCURSOS FORMATIVOS DE UMA CÁTEDRA PAULO FREIRE NO BRASIL ENVOLVENDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Alexsandro Alberto da Silva <sup>1</sup>  
Monica Lopes Folena Araújo <sup>2</sup>

## **RESUMO**

A educação ambiental (EA) vivenciada em espaços formativos atinge sua finalidade quando forma agentes socioambientais comprometidos com a cultura da sustentabilidade. Para isso, faz-se necessário a ruptura epistemológica do saber ser, conhecer, fazer e conviver ambientalmente para a construção da cidadania planetária, da responsabilidade socioambiental e do ser mais do homem. Nesse entorno, encontra-se em espaços freirianos o seio de ações como programas, pesquisas, encontros, reuniões de grupos de pesquisa, cursos e eventos fomentadores de políticas públicas socio ambientais, educativas e econômicas em consonância com a cidadania planetária, em uma relação indissociável homem-natureza. Este estudo objetiva analisar as visões de formadores de uma Cátedra Paulo Freire (CAPF) no Brasil sobre suas ações e contribuições formativas ligadas à educação ambiental. Os dados foram coletados através de quatro entrevistas realizadas na CAPF. Ao proceder a análise de conteúdo foi possível inferir acerca da importância educativa desse lugar na formação de uma identidade socioambiental sustentável, pois proporcionam aos formadores a reflexão sobre o verdadeiro diálogo, pensamento crítico-humanizado e emancipatório, em um elo cátedra-universidade-escola-sociedade.

**Palavras-chave:** Percursos formativos, Cátedra Paulo Freire, Educação ambiental

## **INTRODUÇÃO**

O pensamento e a ação da Educação Ambiental (EA) advém desde os tempos primitivos, quando o homem para sobreviver dependia de conhecimentos sobre os fenômenos da natureza, tais como habilidades para transformar a natureza ao seu redor, facilitando suas ações no meio em que vive, na medida em que interage com ele de forma mais proveitosa. Contudo, o aproveitamento irresponsável dessa interação fez

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Docente da Educação Básica Pública do Jaboatão dos Guararapes e do estado de Pernambuco, Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológica da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [alexbullom24@gmail.com](mailto:alexbullom24@gmail.com);

<sup>2</sup> PhD em Educação, Docente da Graduação e Pós-graduação, Diretora do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, [monica.folena@gmail.com](mailto:monica.folena@gmail.com).



surgir as problemáticas ambientais, reais e urgentes, que assumem proporções alarmantes.

Diante desse contexto, não se pode deixar de olhar para os espaços educativos que devem promover a construção de visões sobre a temática a partir de uma nova racionalidade ambiental, tal como aponta Leff (2008, p. 100): “A construção de uma racionalidade ambiental implica portanto a reorientação do progresso científico e tecnológico numa perspectiva interdisciplinar que articular os processos sociais e naturais para a gestão social do desenvolvimento sustentável”.

Segundo Freire (2000, p. 67): “A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem que estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador [...]”. Gadotti (2008) ratifica a ideia de Freire quando nos revela que é extremamente importante que sejamos sujeitos de uma história e não meros expectadores. Para isso, interferir com o discernimento sustentável nesse mundo globalizado, onde as diferenças sociais são grandes, poderá trazer igualdade, harmonia, liberdade, solidariedade para com o próximo. Só assim poderemos transformar sustentavelmente os ambientes em que vivemos.

A EA, em uma visão transformadora, vem sendo pautada sob um olhar crítico e reflexivo do ambiente, possibilitando a ideia de que o sujeito atua e o transforma diariamente, através de nossas relações sociais e culturais. Araújo (2015) afirma que as palavras que designam o termo educação ambiental trazem características que juntas assumem uma qualidade especial, uma vez que “permitem o reconhecimento de sua identidade diante de uma educação com dimensões, por vezes esquecidas historicamente, quanto ao entendimento da vida, como criticidade e a humanização na relação sociedade-sociedade e sociedade-natureza” (Ibidem, 2015, p. 70).

Araújo (2015) apresentou essa relação em sua pesquisa de tese quando trilhou a Educação Ambiental crítico-humanizadora na prática docente de professores de Biologia de universidades públicas, baseada nas categorias criticidade e humanização de Freire, argumentando que o foco principal das universidades é a educação e esta deve ser pautada no diálogo ininterrupto com os centros de pesquisas, a fim de criar a prática de debates políticos acadêmicos constantes com a própria universidade e a sociedade. Para Freire (2014b) a educação é um ato político, de autonomia, liberdade, amorosidade, humanização, dialógico e crítico-emancipatório.



A primeira Cátedra Paulo Freire, inaugurada após o seu falecimento, em sua homenagem, na Pontifícia Universidade Católica do estado de São Paulo (PUC-SP), no 2º semestre de 1998, sob a direção do Programa de Educação (Currículo), com o objetivo de desenvolver “estudos e pesquisas sobre/e a partir da obra de Paulo Freire, focalizando as suas repercussões teóricas e práticas para a educação e a sua potencialidade de fecundar novos pensamentos” (SAUL, 2006, p. 2).

A Cátedra buscou criar um espaço de diálogo do pensamento freireano com as linhas de pesquisa da pós-graduação e de outros grupos de pesquisa, de modo que as ideias de Freire impulsionassem o debate acadêmico de questões da Educação brasileira (OLIVEIRA; SANTOS, 2018). Olhar para o fazer docente permitiu direcionar as investigações para entender a metodologia da pedagogia de Freire, influenciando os sistemas públicos de ensino do Brasil, e a recriação de políticas e práticas educativas, baseadas na visão crítico-emancipatória. Esses espaços, segundo Saul (2006), possibilitou a publicação de diversas obras de Freire, dissertações, teses, seminários, colóquio, entre outros.

Pelo encontrado na literatura, percebemos que as Cátedras, Centro e Instituto Paulo Freire trouxeram diversos benefícios para a universidade, a escola, a sociedade, mas nos perguntamos: Quais as ações e contribuições dos percursos formativos desenvolvidos em uma Cátedra Paulo Freire no Brasil envolvendo a Educação Ambiental? E, é nesse contexto que se objetiva analisar a visão de formadores de uma Cátedra Paulo Freire no Brasil sobre ações e contribuições formativas ligadas à Educação Ambiental.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com método descritivo, uma vez que visa descrever o objeto de estudo, a EA em espaços formativos freirianos. Sobre isso, Gil (2002) argumenta que a pesquisa descritiva permite por em discussão as características do grupo ou fenômeno social investigado. O estudo tem delineamento do tipo estudo de caso, pois é importante conhecer os conhecimentos dos formadores sobre os percursos formativos da EA em uma Cátedra Paulo Freire no Brasil. Para Yin (2015), o estudo de caso permite entender as ações e implicações dos feitos realizados pelos atores sociais.



Os atores sociais da presente pesquisa são quatro formadores de uma CAPF. Os formadores foram contatados por e-mail e/ou telefone e, após esclarecer o objetivo se comprometeu em responder um roteiro de entrevista com sete questões (Quadro 1) no local e hora agendados, onde foi solicitado que assinassem o Termo de Livre Esclarecimento e Consentimento a fim de seus relatos terem o sigilo garantido, eles foram designados e diferenciados pela letra F, como sendo formador, seguido de um número para indicar a quantidade dos formadores entrevistados.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, em 2019. Os dados foram tratados seguindo-se as orientações de Bardin (2011), no que diz respeito à análise de conteúdo, já indicada no roteiro da entrevista para subsidiar o alcance dos objetivos de pesquisa. No quadro 2 estão descritas as ações e contribuições desenvolvidas no âmbito da EA pela CAPF.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Debater a EA vem se tornando cada vez mais necessária diante dos diversos desafios que enfrentamos no planeta, tais como a escassez das águas, desmatamento da Amazônia e da Mata Atlântica, a extinção de espécies, o uso ilimitado e irresponsável dos recursos naturais. Somente com a Conferência de Estocolmo, em 1972, concebeu-se o Plano de Ação Mundial em defesa da temática ambiental, nela foram elaboradas diretrizes para um Programa Internacional de Educação Ambiental.

Medeiros, Ribeiro e Ferreira (2011) disseram que em 1975, a Organização para a Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas (UNESCO), em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), em resposta à recomendação 96 da Conferência de Estocolmo, que nomeia o desenvolvimento da Educação Ambiental como um dos elementos mais críticos para que se possa combater rapidamente a crise ambiental do mundo, criou o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA). Com este documento, priorizou-se à formação de recursos humanos, nas áreas formais e não formais da Educação Ambiental, e a inserção de temas ambientais nos currículos de todos os níveis de ensino (DIAS, 2004).

Dias (2004, p. 523) definiu a EA como “processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem novos



conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornam aptos a agir e resolver problemas ambientais, presentes e futuros”.

Para o autor, a EA torna-se um instrumento significativo no processo de conscientização dos indivíduos sobre a preservação do meio ambiente diariamente. Uma vez que as pessoas para sobreviverem e desenvolverem, baseadas na ideia de acumulação e concentração do capital, apropriam-se da natureza desenfreadamente, extraindo dela muito além do necessário para o sustento humano.

No âmbito educacional, as abordagens dadas ao ensino da EA, segundo Silva (2013), sejam no espaço formal ou informal, é de forma fragmentada e descontextualizada. Acarretando a construção de uma concepção fragmentária das questões ambientais por parte dos professores. Compreensão essa que limita o desenvolvimento sustentável e a efetivação de práticas transformadoras na educação.

Para Silva (2013), o panorama de estudos relacionados às experiências e práticas de EA na educação formal, dos Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA), desde a Educação Básica até o Ensino Superior, aponta uma percepção de EA ligada à lógica comportamental de preservação ecológica. Além disso, a autora evidenciou que poucas pesquisas debatem uma visão teórico crítica da EA, dentro de uma perspectiva emancipatória, de onde poderíamos visualizar melhor as contribuições da educação para superar a dicotomia homem-natureza historicamente construída.

Freire (2014a) apresenta em suas obras um olhar da prática pedagógica dentro da perspectiva de práxis, pois, segundo ele, só mediada pelo contexto o homem poderá alcançar a sensibilidade e compreensão tão necessário das coisas. Esse processo de tomada de consciência só será possível no nível da ação, para assim o homem alcançar empenho na reflexão da existência das coisas no mundo. A ênfase dada à práxis, dentro do processo educativo, estabelece a unidade dialética da ação e reflexão.

Para Freire é necessário “que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e florestas” (FREIRE, 2000, p.67). Para ele, a prática do diálogo é uma questão de existência do homem ser mais (FREIRE, 2014a), pois só problematizando o contexto em que estamos inseridos é que podemos emergir em consciência crítica. Ainda nesse debate, Freire vai mais além, o diálogo só será possível se for com amor. Mais que isso, o diálogo para Freire (2018) é o âmago da educação enquanto prática de liberdade.



E é nesse entorno que apontamos para o sentido do dialogar enquanto prática de liberdade, visto que implica práxis: ação e reflexão. Dessa forma, Freire discorre sobre a veracidade das palavras que permeiam a prática docente, pois se não for práxis, não alcançaremos a transformação do mundo. Ele ainda acrescenta: “Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo” (FREIRE, 2000, p.76).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desse estudo forma oriundos de quatro entrevistas, as quais seguiram o roteiro no quadro 1, realizadas em uma Cátedra Paulo Freire no Brasil.

**Quadro 1:** Questões do roteiro de entrevista

1.	Qual é a sua percepção da influência de Paulo Freire nos trabalhos com a Educação Ambiental?
2.	A Cátedra/Instituto desenvolve ações que envolvam Educação Ambiental?
3.	(Em caso afirmativo) Sinalize as ações desenvolvidas envolvendo a Educação Ambiental na (o) Cátedra/Centro/Instituto Paulo Freire.
4.	(Em caso afirmativo) Com que periodicidade são realizadas essas ações envolvendo a Educação Ambiental na (o) Cátedra/Centro/Instituto Paulo Freire?
5.	(Em caso afirmativo) Sinalize as contribuições dessas ações desenvolvidas envolvendo a Educação Ambiental na (o) Cátedra/Centro/Instituto Paulo Freire.
6.	(Em caso negativo) Por que não são desenvolvidas ações que envolvam a Educação Ambiental?
7.	Existem estudantes vinculados à Cátedra/Centro/Instituto Paulo Freire?

**Fonte:** Os autores (2019).

Os dados coletados foram organizados no quadro 2 e apresentados por meio de dois subitens de análise: ações desenvolvidas e contribuições das ações realizadas, ambos na CAPF, envolvendo a Educação Ambiental.

**Quadro 2:** Ações, contribuições e tempo de execução desenvolvidas por uma Cátedra Paulo Freire no Brasil

Ações	Contribuições	Tempo de Execução
-Realização de projetos de pesquisa, ensino e extensão atrelados a universidade, as comunidades e os setores públicos e privados; -Criação de hortas orgânicas comunitárias -Produção de materiais artesanais do	- Relações mais saudáveis de produção, consumo, e de vivências; - Impacto econômico e no modo de viver dos estudantes, das comunidades e da cidade; - Mobilização dos estudantes, das	-De 2016 até os dias de hoje



<p>reaproveitamento do lixo;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Produção de materiais de higiene pessoal, limpeza e agroecologia;</li> <li>-Produção de produtos ecologicamente corretos;</li> <li>-Elaboração de um seminário integrado entre ensino, pesquisa e extensão na universidade;</li> <li>-Criação de um programa de extensão para o desenvolvimento de soluções ambientalmente corretas envolvendo essas problemáticas das comunidades na universidade;</li> <li>-Encontros de discussão sobre o Plano de Desenvolvimento Institucional da universidade e o legado freiriano;</li> <li>-Produção de pesquisas a partir das vivências nas comunidades</li> </ul> <p>-Formações por meio de oficinas promovidas pelo Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer</p> <p>-Construção de políticas municipais de educação ambiental e de resíduos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Expedições sociais comunitárias para mapeamento e diagnóstico das problemáticas socioambientais por meio de oficinas de cartografia social</li> <li>-Produção de material síntese dos resultados para devolutiva a comunidade envolvida na ação.</li> <li>-Assessoria nas empresas privadas e secretaria de meio ambiente da cidade para solução de problemas socioambientais.</li> </ul> <p>-Elaboração de uma matriz curricular, vinculada às problemáticas das comunidades</p> <p>-Criação de uma metodologia para alfabetizar a comunidade</p>	<p>comunidades e de outros setores sociais da cidade;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Abertura de espaços e popularidade na universidade, nas comunidades, nos meios midiáticos, na cidade e em outras;</li> <li>-Integração entre ensino, pesquisa e extensão;</li> <li>-Abertura de diálogo com outros profissionais e espaços de estudos em laboratórios de outros departamentos da universidade;</li> <li>-A produção de conhecimento ter sido colaborativamente e a partir da leitura de realidade-mundo;</li> <li>-Atualização do Plano de Desenvolvimento Institucional da universidade;</li> <li>-Mobilizações e aprendizagens sobre esse novo pensar na universidade a partir da Pedagogia de Paulo Freire;</li> <li>-Adesão de voluntários as atividades desenvolvidas nas comunidades;</li> <li>-Abertura de caminhos institucionalmente para a criação de monitorias, de um programa de extensão e de uma linha de pesquisa interdisciplinar na pós-graduação;</li> <li>-O entendimento da responsabilidade social por parte dos formadores e estudantes envolvidos.</li> <li>-Conexão entre as pessoas da universidade, da comunidade e dos agentes violantes públicos e privados;</li> <li>-Qualificação profissional dos professores, estudantes, pessoas das comunidades e de outros setores da sociedade.</li> <li>-Engajamento, participação, colaboração e diálogo dos envolvidos;</li> <li>-Valorização da realidade, da voz e do potencial dos considerados marginalizados;</li> <li>-Melhor entendimento da realidade, sua complexidade e desafios, e de que as pessoas podem intervir sobre ela.</li> <li>-Desenvolvimento da autonomia das pessoas das comunidades na medida em que promoviam a autoeducação;</li> <li>-Olhar interdisciplinar para solução das problemáticas.</li> <li>-Melhorias na autoestima das pessoas das comunidades;</li> <li>-Leitura de mundo, de si, do outro e do meio livre da opressão.</li> <li>-Valorização da troca de experiências vividas entre os formadores e as pessoas da comunidade, bem como entre elas.</li> </ul>	<p>-Do início de 2017 até o início de 2018.</p> <p>-De 2016 até os dias de hoje.</p> <p>-Desde de 2017 até os dias de hoje.</p>
---	--	---



- Criação de eventos para debate sobre as problemáticas socioambientais e suas soluções.	-Diagnósticos participativos das questões socioambientais nas microbacias de Foz de Iguaçu; -A facilidade de promover encontros por parte da universidade para pensar caminhos que solucionem os problemas socioambientais da cidade.	-Duas vezes por ano, em cada semestre.
--	--	--

**Fonte:** Os autores (2019).

Os dados apresentados no quadro 2 serão ilustrados nos trechos abaixo:

*Um evento bem legal que nós fizemos, nós estávamos num momento de discussão do Plano de Desenvolvimento Institucional da universidade. O PDI da universidade estava sendo atualizado. [...] Chamamos toda a comunidade para aproveitar aquele momento com eles e com o que a gente estava vivendo. Tentando organizar e sistematizar. O que que a gente poderia tirar então de mobilizações e aprendizagens sobre esse nosso pensar educação [...] (F1).*

*No meu projeto de trabalho dentro da Cátedra com a alfabetização de jovens e adultos. No trabalho de alfabetização a gente tem várias entradas, em vários temas. Então, a gente está construindo uma universidade popular Paulo Freire com uma matriz curricular, pensando em determinadas comunidades. No ano passado e nesse ano, nós estamos trabalhando com uma comunidade que vive numa ocupação, é a maior ocupação do Paraná, que é a ocupação chamada Bubas. [...] Nessa discussão curricular, faz muito sentido discutir saneamento. Faz muito sentido porque eles não têm água, não tem luz, não tem esgoto, trabalha com fossa. A questão que não tem coleta de lixo. Então, a questão automática de como se organizar para o lixo, ficar nas entradas da ocupação aonde passa a coleta de lixo. Então, o próprio cotidiano desses adultos sobre a alfabetização impele a discussão sobre a questão socioambiental. Não tem como. O lixo... o lixo gera rato. [...] É tudo relacionado a melhoria das condições de vida que passa pela educação coletiva e socioambiental (F4).*

Nas entrevistas feitas as ações deixam clara a relação com a temática socioambiental, tais como a realização de projetos de pesquisa, ensino e extensão atrelados a universidade, as comunidades e os setores públicos e privados; a criação de hortas orgânicas comunitárias; a produção de materiais artesanais do reaproveitamento do lixo; a produção de materiais de higiene pessoal, limpeza e agroecológicos; a produção de produtos ecologicamente corretos; a elaboração de um seminário integrado entre ensino, pesquisa e extensão na universidade; a criação de um programa de extensão para o desenvolvimento de soluções ambientalmente corretas envolvendo essas problemáticas das comunidades na universidade; a promoção de encontros de discussão sobre o Plano de Desenvolvimento Institucional da universidade e o legado freiriano para a elaboração de uma instituição popular; a produção de pesquisas a partir das vivências nas comunidade; a promoção de formações por meio de oficinas promovidas pelo Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer; a construção de



políticas municipais de educação ambiental e de resíduos; expedições sociais comunitárias para mapeamento e diagnóstico das problemáticas socioambientais por meio de oficinas de cartografia social; produção de material síntese dos resultados para devolutiva a comunidade envolvida na ação; a assessoria nas empresas privadas e secretaria de meio ambiente da cidade para solução de problemas socioambientais; a elaboração de uma matriz curricular, vinculada às problemáticas das comunidades; criação de uma metodologia para alfabetizar a comunidade; a criação de eventos para debate sobre as problemáticas socioambientais e suas soluções.

Diante disso, podemos ratificar, consoante Oliveira e Santos (2018), que essas ações de leitura da realidade-mundo, formação, vivências, pesquisa, intervenção e transformação sociopolítica do contexto das comunidades e da universidade propiciam a reflexão de temáticas socioambientais, sobre a relação teoria-prática pedagógica, a fim de superar a dicotomia homem-natureza, fomentam experiências baseadas no diálogo, compartilhamento de vivências, construção de outras práxis sócio pedagógicas e de aprendizado coletivo e colaborativo (FREIRE, 2014b). Além disso, permitiu conhecer realidade-ambiente concreta e cotidiana dos atores sociais envolvidos, estabelecendo conexões complexas entre o meio social (econômico, político, cultural, ético, estético) e o mundo natural (processos biológicos e ecológicos), para direcionar o lugar como um conjunto de relações históricas, social e dinamicamente construídas, dialética e interrelacional e cultural (FREIRE, 2018).

Compreender as contribuições da CAPF, é perceber nas falas das formadoras os ganhos com essas ações envolvendo a EA, a saber: relações mais saudáveis de produção, consumo, e de vivências; impacto econômico e no modo de viver dos estudantes, das comunidades e da cidade; mobilização dos estudantes, das comunidades e de outros setores sociais da cidade; abertura de espaços e popularidade na universidade, nas comunidades, nos meios midiáticos, na cidade e em outras; integração entre ensino, pesquisa e extensão; abertura de diálogo com outros profissionais e espaços de estudos em laboratórios de outros departamentos da universidade; a produção de conhecimento ter sido colaborativamente e a partir da leitura de realidade-mundo; atualização do Plano de Desenvolvimento Institucional da universidade; mobilizações e aprendizagens sobre esse novo pensar na universidade a partir da Pedagogia de Paulo Freire; adesão de voluntários as atividades desenvolvidas nas comunidades; abertura de caminhos institucionalmente para a criação de monitorias, de



um programa de extensão e de uma linha de pesquisa interdisciplinar na pós-graduação; o entendimento da responsabilidade social por parte dos formadores e estudantes envolvidos; conexão entre as pessoas da universidade, da comunidade e dos agentes violantes públicos e privados; qualificação profissional dos professores, estudantes, pessoas das comunidades e de outros setores da sociedade; engajamento, participação, colaboração e diálogo dos envolvidos; valorização da realidade, da voz e do potencial dos considerados marginalizados; melhor entendimento da realidade, sua complexidade e desafios, e de que as pessoas podem intervir sobre ela; desenvolvimento da autonomia das pessoas das comunidades na medida em que promoviam a autoeducação; olhar interdisciplinar para solução das problemáticas. melhorias na autoestima das pessoas das comunidades; leitura de mundo, de si, do outro e do meio livre da opressão; valorização da troca de experiências vividas entre os formadores e as pessoas da comunidade, bem como entre elas. diagnósticos participativos das questões socioambientais nas microbacias de Foz de Iguaçu; a facilidade de promover encontros por parte da universidade para pensar caminhos que solucionem os problemas socioambientais da cidade.

Diante disso, os dados apontam para uma formação humanizada, pautada na ética da responsabilidade, de alteridade e de afetividade, no sentido de preservar sustentavelmente a vida no Planeta. Por isso, as oficinas, seminários, reuniões e eventos que promoviam a formação do sujeito, resgataram valores perdidos no homem, como a autoestima, a experiência de mundo vivida e a dignidade da função social dos formadores na garantia de sua qualificação profissional, baseada na criticidade, criatividade, curiosidade epistêmica, no método rigoroso, afeto e na relação dialógica com todos atores envolvidos (FREIRE, 2014a).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto pode-se concluir que a CAPF vem sendo espaço de construção e divulgação do *quefazer* da Educação Ambiental. Aspectos esses que exigirão dos formadores reflexão, estudos e análises das problemáticas socioambientais de como se aprende e como se ensina, dos impactos dessas ações para a sociedade civil, acadêmica e o planeta.



Nesse entorno, entendo que o olhar da práxis pedagógica socioambiental construída em uma ética responsável e na pedagogia da autonomia libertadora, possibilitou a sensibilização e conscientização tanto da universidade, administradores, professores e estudantes, como das pessoas das comunidades e dos outros setores da sociedade. Tudo isso, só foi possível pelo diálogo dos problemas socioambientais oriundos da realidade-mundo, entre os saberes científicos com os da experiência vivida, com todos envolvidos, em um processo interdisciplinar da prática educativa.

Assim, na CAPF constata-se que a grande contribuição foi formar agentes socioambientais comprometidos com a transformação da realidade, através de sua autonomia e participação cidadã. Por fim, olhar para a crise da civilidade, da modernidade, dos valores, das orientações éticas, do pensamento coloca a necessidade de um referencial que supere essas dicotomias e reconstrua o diálogo amoroso, como elo essencial a relação homem-natureza, educação-sociedade, professor-aluno e teoria-prática. Paulo Freire coaduna com a ideia de um processo educativo baseado na ação-reflexão-ação diante das problemáticas cotidianas desse ambiente, a fim de produzir, a práxis social transformadora, o verdadeiro diálogo.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao CNPQ, à UFRPE e aos participantes da CAPF.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, M. L. F. A educação ambiental crítico-humanizadora na formação de professores de biologia. Recife, Ed. **UFPE**, 2015, 374 p.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. – 2ª reimp., 1ª ed. São Paulo: **Edições 70**, 2011.

BRASIL. Lei N° 9.795, de 27 de Abril de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Brasília, DF. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm)> Acesso em: 20 jan. 2019.

DIAS, G. F. Educação Ambiental: princípios e práticas. 9. ed. São Paulo: **Gaia**, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo, Ed. **UNESP**, 2000.



FREIRE, P. Educação e Mudança. Trad. Lilian Lopes Martin. 36. ed. rev. e atual, São Paulo: **Paz e Terra**, 2014a.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2014b.

FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. 42. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: **Paz e Terra**, 2018.

GADOTTI, M. Educar para Sustentabilidade: Uma contribuição à Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Ed **L**, 2008.

LEFF, H. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. 6. ed. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2008.

MEDEIROS, M. C. S.; RIBEIRO, M. da C. M.; FERREIRA, C. M. de A. Meio ambiente e educação ambiental nas escolas públicas. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 92, 2011. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?artigo\\_id=10267&n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?artigo_id=10267&n_link=revista_artigos_leitura)>. Acesso em: 15 jan. 2019.

OLIVEIRA, I. A. de.; SANTOS, T. R. L. dos. Paulo Freire na América Latina e nos Estados Unidos: Cátedras e Grupos de pesquisa. *Revista Educação em Questão*, Natal, V. 56, N. 48, P. 106-139, 2018.

SAUL, A. M. A Cátedra Paulo Freire da PUC/SP. *Revista E-Curriculum*, N. 1, N. 2, P. 1-16, 2006.

SILVA, M. L. A educação ambiental no ensino superior brasileiro: do panorama nacional às concepções de alunos (as) de pedagogia na Amazônia. *Rev. Eletrônica Mestrado Educ. Ambiental*, V. especial, P. 18-33, 2013.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Tradução: Cristhian Matheus Herrera. – 5. ed. Porto Alegre: **Bookman**, 2015.